



frutos sementes  
frutosementes

jornal do  
crush

7  
83

## MORADIA GRATUITA É UM DIREITO DOS ESTUDANTES CARENTES

A invasão dos 3º e 1º andares dos blocos B e C respectivamente data de setembro de 1982. À luz do que aconteceu naqueles dias, acreditamos que a invasão adquiriu um valor histórico. Após sete anos de reorganização da entidade máxima dos estudantes da USP, o DCE-Livre Alexandre Vanucci Leme, a retomada da moradia dentro do campus, em 1979, constitui uma vitória concreta do movimento estudantil.

O sabor desta vitória concreta empolgou uma parcela dos estudantes da universidade. Uma espécie de grito revolucionário de liberdade envolveu militantes, postulantes às vagas e simpatizantes da luta pela moradia estudantil. O sol de meio dia da quinta-feira 16 evocava o surgimento da primavera, bem como a ampliação do espaço destinado à moradia gratuita. Por isso, acreditamos que este sabor de vitória concreta tenha entusiasmado, cabal e decisivamente, vários setores do conjunto da comunidade universitária, desejoso por transformações institucionais radicais.

A luta pela moradia tem por objetivo conquistar o espaço total a ela destinado originalmente, compreendendo os blocos de A até F. Destes, a moradia gratuita abrange o A, B e C parcialmente, enquanto que o F em sua totalidade, o E pertence aos pós-graduandos; o bloco D está ocupado por museus. A população de estudantes residentes compreende 430 universitários, mas a moradia gratuita, legítima conquista dos estudantes da USP, enfrenta sérios problemas quanto às suas instalações, deficientes e precárias, bem como a falta de vagas para a acomodação de novos estudantes carentes. Por isso, urge a necessidade de retomarmos totalmente os espaços de moradia gratuita dentro do campus, para podermos oferecer moradia confortável e adequada aos estudantes da USP.

Entretanto, a moradia gratuita, bandeira de luta dos estudantes moradores, enfrenta outros problemas. Recentemente a COSEAS, órgão burocrático de fiscalização e controle da Universidade, ameaça usurpar 300 vagas destinadas aos estudantes carentes. Com isso, ela pretende ocupar 9 andares dos blocos B e C, jogar estudantes uns contra os outros e implantar a moradia paga para a graduação. A nossa luta consiste em barrar esta tentativa burocrática de golpear os estudantes carentes que moram no CRUSP, e aqueles que necessitam de moradia gratuita para desenvolver seus estudos.

Esta é a razão da nossa atual mobilização, objetiva manter a luta pela moradia estudantil respeitada pela comunidade universitária e oferecer moradia gratuita aos estudantes carentes, em condições humanas e confortáveis. Para isso, nossa luta aponta contra aqueles que desejam tolher nossa liberdade, direito de organização e espaço de moradia gratuita. A luta é árdua, e a batalha renhida. Não esmorecer é a pedra angular da nossa luta, pois a persistência recompensará os resistentes.

— GRATUIDADE E AUTONOMIA PARA A MORADIA!

— PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO

— MORADIA ESTUDANTIL: SOBRETUDO UM MELHOR VIVER

Luis Pinto

## EXPEDIENTE

FRUTOS SEMENTES FRUTOSEMENTES  
Jornal do Crusp - nº 7 verão 83

Editores: Roberto, Júlio, Inês e Elmo  
Textos: Kasper, Fernando, Punkrusp, Leonel, Eni, Orlando, Júlio, Cláudio, Luís, João, Rauer, Berton, Cesar, Elói, Jimy, Elen, Bravo, Marquinho, Victor, Sidnei, Octavio, Alonso, Malafaya.

Ilustradores: César, Fúlvia e Jaime

Diagramadores: Roberto e Carolina

Colaboradores: Casa do Estudante Universitário de Piracicaba, Cadopô, Benedito Márcio, Temi, Lúcio, Trombetta, Dias

Fotografia: Alba

Capa: César

Gracias a Madalena  
/ sacos plásticos

## CARTA

Ainda agora aqui estou  
com o jornal do  
CRUSP (6), consciente,  
graficamente  
bonito e criativo.  
Parabéns!

ALCIDES BUSS  
Ilha de Santa Catarina, 03.12.1982

# CASAS DA USP

Casa do Estudante Universitário José Benedito de Camargo - Praça José de Melo Moraes - 13400 - Piracicaba - tel. 225928

Casa do Politécnico  
Rua Afonso Pena, 272 - Bom Retiro - São Paulo - CEP 01124 - tel. 22752 23

## A CASA É VINCULADA A ALGUM ORGÃO?

Sim, ao Centro Acadêmico

QUANTOS MORADORES? 113

MORADORAS? 24

Sim, ao Grêmio Politécnico

QUANTOS MORADORES? 74

QUANTAS MORADORAS? 10

## O MORADOR PAGA MENSALIDADE?

Sim, a quantia de cr\$ 1000,00 até 11/82

Paga-se uma mensalidade de cr\$ 500,00

## A CASA RECEBE VERBA DE ALGUM ORGÃO?

Sim, da FEALQ, COSEAS, REITORIA (TODAS DOAÇÕES) no ano passado foram no valor de cr\$ 600 000,00

A casa recebe verbas ocasionais. Por exemplo, em novembro de 82 recebeu cr\$ 600 000,00 da Reitoria da USP

## A CASA ARRECADA FUNDOS P/ COBRIR AS SUA DESPESAS?

Sim, arrecadamos fazendo festas, onde vende coxas e bebes, fazendo rifas e pedindo doações, como já foi citado, acima, os casos da FEALQ, COSEAS e REITORIA

Para pagar as despesas a Casa promove bailes as sextas e sábados.

## COMO É A ORGANIZAÇÃO DA CASA?

Seus moradores elegem anualmente uma diretoria (composta de moradores da CEU) que se compõem de: presidente, vice, tesoureiro, secretário executivo, secretário geral, diretor de patrimônio, diretor de serviços internos, diretor de esportes, diretor de comunicações, diretor de promoções. As decisões maiores e mais importantes são tomadas em Assembleia Geral da CEU.

A diretoria é composta de: presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretores de departamento, a saber: Departamento de Sede (baile de sábado), Forró, Manutenção, Social e Propaganda. Os departamentos organizam o trabalho dos moradores em cada setor de atividade.

## QUAIS SÃO AS ATIVIDADES CULTURAIS QUE A CASA PROMOVE TANTO PARA OS DE FORA COMO PARA OS PRÓPRIOS MORADORES?

Promovemos festa mensal para os aniversariantes da CEU, festas em geral (junina, pegaço, sorvete, "mais mais", forró); comemorações como aniversário da CEU; exibição de filmes, teatro, noites musicais.

No último semestre a Casa não promoveu atividades devido à falta de espaço adequado. Para o próximo semestre reinauguraremos o centro de vivência, que incluirá uma biblioteca, salão de jogos, sala de estar e sala de televisão (cineclube)

## QUAL É A OPINIÃO DA CASA SOBRE AS ATUAIS COLOCAÇÕES DO MEC QUANTO AS ENTIDADES, AOS RESTAURANTES E MORADIAS ESTUDANTIS?

Sabemos que cada medida que o MEC e órgãos afins tomam para cortar direitos que pertencem aos estudantes, vira chegar aos poucos, no ensino pago e ainda mais elitizado. Em conjunto com os demais estudantes, tenta impedir que se instalem tais medidas

É mais do que evidente que o MEC procura se desobrigar da manutenção do ensino superior gratuito. A questão dos restaurantes universitários e a situação das residências estudantis atestam isso. Aliás, o desprezo com que é tratado o item "casas de estudantes" demonstra a má fé do MEC em dizer que as pessoas carentes teriam assegurado o direito de frequentar a escola, mesmo sendo paga.

\* OBS: É uma opinião pessoal e não da Casa

## COMO DEVE SER A RELAÇÃO DAS CASAS COM AS ENTIDADES ESTUDANTIS?

Antes de mais nada, de cooperação; para tal as informações deveriam correr mutuamente. Seria bom se todos se visitassem para conhecer-se pessoalmente nem que fosse 1 vez por ano. Deste arte, poderíamos chegar a realizar ações em conjunto.

As residências estudantis devem exigir das entidades acadêmicas uma atenção maior para os seus problemas. O ônus da luta por moradia estudantil recai somente sobre os moradores das Casas de Estudantes. O ensino público e gratuito inclui o problema de moradia. No entanto, a grande parte das entidades não se preocupa em ter uma ação concreta sobre este assunto, esquecendo que a questão da moradia estudantil é uma coisa de dia-a-dia, não se sustenta de idéias somente, o que paga as contas é dinheiro.

## O QUE DEVE SER FEITO: A) PARA TERMOS MAIS CASAS? B) PARA QUE AS CASAS EXISTENTES POSSAM OFERECER MELHORES CONDIÇÕES DE MORAR E ESTUDAR SEM SOBRECARREGAR O ESTUDANTE COM TAREFAS CUJA FINALIDADE É OBTER RECEITA QUE CUBRA AS DESPESAS?

É evidenciar aos órgãos responsáveis a necessidade da moradia estudantil. Formar um plano de ação que inclua todas as necessidades e suas reivindicações para obter maior força de argumentação.

A - Em primeiro lugar, verificar que parcela da população estudantil não está atendida pelas casas existentes. Os métodos de ação ficam na dependência das particularidades do grupo que necessita de moradia.

B - Em conjunto com as entidades estudantis, exigir que o MEC e as secretarias de Educação reservem verbas para manter as casas de estudantes existentes. Seria bom haver também, um maior contato entre as Casas, para que estas fizessem uma troca de experiências.

# A ANDIALÉTICA AO ALCANCE DE TODOS

par Kaspar Hauser

Antes de mais nada: Andialética não quer dizer anti-dialética. A negação é feita por a-; o prefixo an- foi colocado aí apenas para provocar polêmicas.

Prosseguindo, há a possibilidade de se explicar a filosofia ocidental como uma progressão aritmética de primeiro termo dois e razão um. Explicando: primeiro, houve a lógica formal, com dois valores, o falso e o verdadeiro; depois a dialética, com tese, antítese, síntese e catacrese (ver mais abaixo).

A Andialética pode ter sua história assim contada: na Espanha um escroque pé-de-chinelo e pedante, Juan de La Concepción (algo como José da Silva), descobriu que um certo Espinosa estava a sua procura. Com a consciência pesada, pensou no castigo que um cara chamado Espinosa poderia lhe dar e fugiu para a Alemanha, lugar que, não sabia direito por que, não era frequentado por judeus.

Na Alemanha, sempre um incomprendido (não sabia falar alemão) passou a escrever textos filosóficos em que o desconhecimento do alemão e seu pedantismo em espanhol (apesar que desconhecia esta língua, também), geraram períodos completamente incompreensíveis e sem nexo, que não levaram Juan de La Concepción alias Johannes Ged Hamar (nome aliado) para o hospício ou para a fogueira porque, a exemplo de outros talvez não tão inteligentes quanto ele, mas certamente tão corajoso quanto, apenas publicou seus textos após a morte por meio de amigos médiums (nem altuns nem baixuns). Assim, os textos de Johannes G. Hamar atravessaram a história como completamente esquecidos para quase todos e apenas lembrados por alguns especialistas (na Alemanha há de tudo) como o caso mais típico de frases ou palavras ao completo acaso, com separação entre frase certa sintaticamente, quando havia alguma, sem nenhum sentido; algo como "A verde idéia incolor dorme furiosamente."

Porém, um sábio alemão que sabia espanhol recebeu certa vez um sábio espanhol que sabia alemão para fazer rem uma leitura da obra (talvez no sentido medicinal) sob a luz das mais modernas teorias semânticas greimasianas (de Greimas, linguista francês que gosta de meter sua lín-



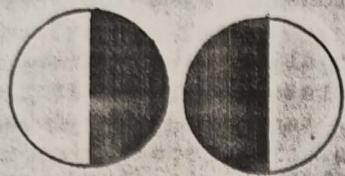
gua, a francesa, nos campos linguísticos onde não é chamado). E então, graças à bolsa fornecida pelo governo alemão, puderam ir fazendo seu trabalho. E a certa altura descobriram que, se quisessem, poderiam dar um sentido ao texto que, segundo eles, não existia, mas seria interessante para tentar criar uma nova racionalidade. Então pediram mais uma bolsa ao governo alemão-corrupção científica também é uma disciplina bastante avançada na Alemanha - e começaram a pesquisar essa nova racionalidade, e que resolveram dar o nome de andialética, justamente para provocar polêmica ou confundir (no es lo mismo, pero es igual, dizia Pablo Milánez).

O trabalho dos dois autores foi esquecido na avalanche das teses e trabalhos e artigos universitários em língua alemã; alguns tão especializados que estudam a pronúncia do latim no século dezessete. E mesmo seus nomes foram esquecidos ou a ACABE (Associação Cristã Andialética de Moças do Brasil) não conseguiu até agora descobrir seu nome. É possível, contudo, que eles mesmos não estejam interessados em ver seus nomes divulgados, pois a criação de idéias tão divergentes do que foi feito até hoje em pensamento ou então simplesmente por ter todo esse pensar saído de um autor que em última essência não merece nem um pouco de respeito acadêmico, pode lhes retirar seus cargos, rendosos ou não, mas até desmoralizá-los perante o mundo acadêmico mundial. Assim, depois de tanto tempo, os pais da andialética sofrem da mesma censura ou do mesmo medo que afeiou Johannes G. Hamar.

De qualquer forma, a andialética tem em Johannes G. Hamar um longínquo ancestral, alguma coisa como um péssimo texto ser motivo para uma ótima tradução, ou mesmo algo como a partir do falacioso teorema de Richard sair a demonstração de Gödel sobre a inconsistência da Aritmética.

A andialética, crê a Associação Cristã Andialética de Moças do Brasil, pode ser uma aventura intelectual bastante excitante; se considerarmos a imaginação uma faculdade intelectual, mais excitante que a própria masturbação. A mental é evidente, faladores de assembléias, filósofos do particular e semióticos-tas de minúcias.

## TELEOLOGIA



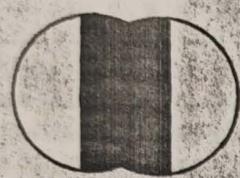
in-ocompreensões



in-congruências



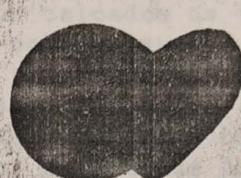
elementos



in-compreensão



in-congruência



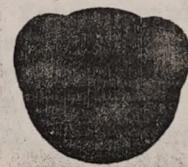
processo



compreensão



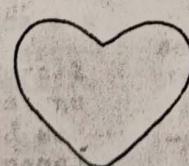
congruência



trans-formação



subjetividade



objetividade



reversão

Fernando Stanislau Afonso  
CRUSP - Bloco F aptº 511

# “papel Higiênico cor-de-rosa e sujo de bosta”

A dona burguesa, bonita, chic, Rosa de perfume francês foi ver a mostra punk. Di vertiu-se bastante como nas vezes que foi ao Zoo. Só que chocou-se:

— Como isto foi acontecer no mundo? É o Fim do mundo!

E o punk fedorento:

— Gosto muito de paz, alegria, de amor. Gosto mesmo. É o mínimo pra se viver bem. Penso, quero, sonho mas não sou cego nem ando de olhos fechados. A nova moda é new-wave mas a onde que invadiu mesmo a cida de toda e ficou é a sujeira, a podridão, a poluição. Dá pra sentir caminhando pelas sarjetas. Uma onde que veio para ficar, po is esse mar é muito maior do que o Atlântico. Vou tentando respirar no meio dela. Não nego o óbvio. É assim que o Real Ideal convivem dentro de mim.

O burguês veio em 1789 com a conversa de Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Muito bonito, coisa e tal. O povo, seguindo a tradição, engoliu mais um sapo. Já antes daquele dia porém, todo dia 15, com tudo certo ou nada certo sobre a terra, o bom burguês ia sempre ao banco (onde é mais seguro) buscar juro, o succo: O lucro. Engordou na vida a prestações.

Pernilongo só engorda mesmo se chupar sangue.

Um grande arroto.

O papa é gordo, como Thatcher, Delfim Neto e Figayredo. Todo Maluf que se preza tem o rosto avermelhado. Saúde para nós - também, magrinhos, pálidos, raquíticos.

Quem me tem e muita gente como boba, a lixada, modista que não coloque seu dedo do anel-brilhante ao alcance de nossos dentes. As luzes coloridas dos letreiros e a fala nacia, bonita, hieroglífica de nossos "líderes" políticos não convencem mais. De todos.

O pano já caiu tanto na Basílica de São Pedro quanto na Catedral da Sé, deixando muita gente desprevenida sem saber como explicar o dinheiro nas mãos.

Dogmas podantes e cifrões. Agora só falta negarem ao cristo de novo. Pacifismo, cristianismo, comunismo, tintas azuis de paredes, vernizmos. Nenhum ismo me interessa mais. Ismo é o termo que se coloca após manipulação (ou sinônimos).

Não me interessam líderes, guias, ídolos e presidentes disto ou daquilo, pra falarem o que é bom pra mim. Me conheço melhor que todos. E meu pai nem minha mãe escapam desse todos. Pois em meus ouvidos entra qualquer barulho, mas na minha cabeça brilha o que eu quiser, certo políticos? Além dos discursos, quero justiça social e liberdade. Posso a todo instante lutar por isso. Posso gritar. Portanto:

— Totens, na lona. Beijem minhas frérias!

Um peido bem alto, mal-educado.

Entupiram a lata de lixo histórica com tantas pessoas, tanta sujeira, fome e subnutrição, cárie, exploração, miséria, degradação, que ela já perde (ou recupera?) o equilíbrio, transbordando e caindo. Lixo ou lixo para todos!

As madames que apreciam os sapatos de verniz, ponham desde já suas barbinhas de molho. Essas coisas infectas, nojentas - que impedem seus calçados de brilharem mais que ouro 24 polido, querem muito mais. Rodapé é coisa pra baixinho. Agora elas querem apagar todo brilho de seu batom - vermelho sensual, com papel higiênico cor-de-rosa. Usado. Sujinho de bosta.

Outro arroto.

Isto é muito mais a ralé quer. Fodam-se vocês. Luta de classes é isso aí: Opressores X oprimidos.

Discurso e ação.

Ação e Reação.

As bombas, mísseis, submarinos (atômicos ou não). Tdos aviões, tanques, soldados. Tudo que põe farda, reprime se constragimento, ajuda da exploração a gente engole, com dor no coração e nos dentes cariados pelo açúcar branco. Mastiga, engole e vomita tudo. E em dobro. Um vômito na cara de vocês, seus ratos. Alfinetes espetados nos rostos, cabelos anti-estéticos, sujeira arrotos, animalidade não nos choca mais. Convivemos na lata de lixo mundial faz muito tempo. Mas choca avôs. E advinhem pra quem são dirigidos?

Pânico em SP.

Shit in the world.

O rock tá por volta dos 30. Os Stones ficaram ricos e mudaram de droga. Cheiram agora cocaína. (confira nos olhares). Elvis Love-me tender Presley já morreu. John Lennon, Janis Joplin, Jimi Hendrix. O flower power com tanta morte mulchou. Bill Holley talvez ainda ande por aí, cantando de muletas. O Rock falou, permitiu tudo. Até que virou produto do capitalismo.

Clash! Agora o Rock é punk. É Rock de combate.

A juventude coloca novas energias no mundo dançando e cantando a raiva que esse mundo tem de vocês opressores. O mundo perfeito existirá, nem que seja preciso antes destruir esse decadente que assistimos. O Colúmbia taí pra provar que tem gente levando fé nisto.

Mas ninguém sabe me dizer ao certo quem é a besta do apocalipse. O 666. Johnny Rotten, podia até no nome, cuspiu seu ódio na cara dos burgueses passan em frente de uma boutique londrina. Morreu

overdosoado, mas antes de ir ateou no circo. (God save the queen). Quem desmente?

Vocês, Reagan, Andropov, Beguim, Figayre do... e outros gordos menos gordos, todos abram os olhos. Do jeito que tá não vai ficar. Fiquem ligados pois já estão caindo edifícios, vide Irlanda. E não fiquem surpresos se chover muito bagaço de laranja apodrecida no glacê do bolo comemorativo - ba-

baca da passagem do milênio. Afinal, estamos num país tropical mas...

Mais um arroto. A madame não suporta e quis vomitar ali mesmo

**EX-comungados**

# Punkrusp

"Essa é a história de um homem que fez o mundo tremer de medo"

— A história de Gentil A. de Rosinha.

Era tarde da noite, aproximadamente dezenas horas. Nas ruas só os alcóolatras peregrinavam; nas casas só o temor.

Temor esse facilmente explicável: acaba de nascer, em Stuttgart, o bandido mais cruel de todos os tempos, o malévolio, o fácinora, o lúgubre, o crápula, aquele cuja maldade transcende os limites do absurdo, o famoso Gentil Amoroso de Rosinha.

O referido indivíduo teve sua trajetória existencial iniciada a meia noite do dia 13 de agosto de 1900. Era sexta-feira, fazia muito frio e como sua progenitora teve que sair para ganhar a vida (ou perder), deixou nosso herói (?) sozinho com uma garrafa de tequila.

Desde esse dia ele não parou mais de beber.

Sua vida de crimes começou aos quatro anos, quando Gentil, após longa dose de morfina, por meio de injeção subcutânea, pegou seu irmão mais novo e serve-o como almoço de seus porquinhos.

Isso lhe causa grande arrependimento pois ele havia se esquecido dos seus cachorrinhos e sendo assim, teve de pegar seu outro irmão.

Após esse ato, toda a vida do nosso herói foi habitada de atos desse nível.

Mas nós teremos que nos fixar no dia 13 de agosto de 1913, aproximadamente 13 horas.

Gentil andava calmamente pelas ruas de Nairobi quando, de repente, vê em sua frente uma linda garota passeando com uma hiena. No momento em que ele viu aquilo, já ficou apavorado. Não teve dúvida, cuspiu na garota, pegou a hiena e deu a correr.

Mas o que ele não sabia, é que a hiena roubada era o bicho de estimação do cônsul do Afeganistão, de passagem pelo lugar.

Não demorou muito para que toda a polícia local estivesse atrás dele e por força do destino nosso herói foi obrigado a fugir para o outro lado do mundo, mais precisamente nos E.U.A.

Foi lá que o herói cometeu atos que até o mais execrável dos execravéis choraria ao ver: começou a trabalhar num banco, tomar refrigerante, comprar terno e por um momento, vejam só, quiz se candidatar a um cargo político.

Porém, nesse dia, ele parou, pensou, e viu

que estava levando uma vida ruim demais. Decidiu recomeçar tudo de novo.

Foi para sua casa, pegou sua hiena e foi dar uma passeio. Nesse passeio, ao passar por uma banca de jornal ele viu a fotografia do cônsul do Afeganistão estampada na la. página de um jornal. Aproximou-se e leu as seguintes palavras:

"Quero minha hiena de volta"

Aquilo bastou para irar nosso herói. Ora! Afinal de contas ele amava a hiena.

A idéia da separação fê-lo partir para a Jamaica, onde Gentil teve sua mais amarga experiência: tomando um café, foi preso por porte de haxixe.

E na prisão todos os seus crimes vieram a ser conhecidos. Gentil foi julgado e condenado: 7534 anos de cadeia.

Foi também na prisão que ele recebeu a notícia mais triste de sua vida: a sua hiena havia se casado com um cachorro vira-lata.

A hiena ainda foi visitá-lo algumas vezes, mas era sempre a mesma coisa: ela caia na risada.

Gentil, quase morrendo por dentro, esfregou. E no dia 13 de agosto de 1933 ele decidiu fugir. E fugiu!

Saldo da fuga: 72 mortos, 17 mutilados, 14 cães enforcados e 2 gatinhos sequestrados.

Após alguns dias nosso herói já sabia do paradeiro de seu amor e decidiu ir até lá, para raptá-la.

Chegando ao local, observou-a, dando ótimas gargalhadas, com seu marido.

Aquela cena cortou-lhe o coração, e ele, num impeto, saiu correndo.

Só que, nesse momento, toda a polícia estava cercando-o e ele logo tomou seu primeiro tiro. Outros se seguiram, mas ele só estava atento à risada da hiena.

Triste fim de Gentil. Enquanto morria seu grande amor ria. E assim Gentil morreu. E morreu sem saber que assim como as hienas riem as águias voar e quem ri por último ri melhor.

O Jornal do Crusp, em sua sétima edição (...), da continuidade à série de entrevistas com moradores da Casa, e focaliza desta vez o companheiro RAUER RODRIGUES.

Rauer é fisionista, estudante de filosofia e morador do CRUSP, onde sempre participou do movimento por moradia estudantil, desde a campanha pela retomada do CRUSP, em 79. Cansado das "impossibilidades" paulistanas e de "saco cheio" da mediocridade do Movimento Estudantil e da própria Universidade, está voltando pra cidade onde nasceu, no Triângulo Mineiro, não obstante já ter publicado um livro quase todo ele sobre as pequenas e provincianas cidades do interior e que intitulou "Lugares Intoleráveis".

Rauer participou também da antologia "Cidade e Caminho" com outros quatro contistas, dos quais o mais conhecido é Luiz Vilela. Editou várias revistas marginais, como "Nanicos", "Ora, Pombas!" e "Viva Eu". Foi um dos organizadores, em 1981, do Painel da Literatura Marginal que ocorreu na Fau-USP. Até sua decisão de voltar para Minas, foi correspondente, durante ano e meio, em São Paulo, do jornal "Folha de Ituiutaba".

## 1 - Dá pra você falar pra gente como é seu trabalho literário?

- É, em si às vezes como o parto da montanha, às vezes fácil e sem complicações; é, em suma, complexo e contraditório na gestação e elaboração acrescido das muitas exigências e percalços do cotidiano que não me permite tempo para divagações e lazer, momentos fundamentais ao trabalho criativo.

## 2 - Você tem um conteúdo e estilo definidos? Qual? Por quê?

- Tenho minha individualidade e personalidade, que se reflete no meu trabalho literário. Quanto ao conteúdo e estilo definidos não sei, seria coisa para os leitores se pronunciarem. Sinceramente, luto para me renovar a todo instante, assim como ao que escrevo.

## 3 - A que atribui o grande número de poetas em contraposição ao reduzido número de contistas e romancistas?

- Primeiro, não atribuo nem afirmo que existem muitos poetas e poucos fisionistas; segundo, coloca-los em contraposição entre si é errado como princípio, e equivocado enquanto percepção da realidade.

## 4 - Quando você acha que se dará a sua cooptação pela "Indústria Cultural"?

- Faço meu trabalho sem preocupações desta natureza.

## 5 - Dizem alguns teóricos de literatura que os escritores se dividem em dois blocos: os realistas críticos e os intimistas à sombra do poder. Em que bloco você se situa?

- Acho as formulações teóricas muito pobres diante a obra de arte. E essa citada de uma pobreza espantosa.

## 6 - Qual é a sua reflexão filosófica enquanto contista?

- Minha reflexão é como ser humano integral, ou que se pretende a, e não como contista, que é uma das minhas paixões -- assim como toda a literatura e o que escrevo -- mas não é o universo. Se a pergunta visa saber mais detalhes sobre os "Lugares Intoleráveis", a dica é simples: é ler o livro. O endereço para pedidos, através cheque nominal, de Cr\$ 500,00, a Rauer Ribeiro Rodrigues, é: Caixa Postal 191 - 38300, Ituiutaba (MG).

## 7 - Como você se situa no mundo?

- Em relação a quê? A partir de onde? Sou um homem imerso em minha circunstância, e as possibilidades humanas revelam-se microscópicas. Busco as raízes desta aparente para modificá-la. Posso chegar à autodestruição ou à autoglorificação diante do nada, ou ao nirvana e ao absoluto: os caminhos são muitos e as respostas infinitas. Por isso, a disponibilidade ou a responsabilidade são importantes e eternos compromissos que se alternam. Tudo é simplesmente caos, e o ordenamento do caos pela nossa impossibilidade em vivê-lo em sua imponderabilidade.

## 08 - Qual foi a sua participação no Painel da Literatura Marginal?

R - Em 1981, o poeta Roberto Luiz, também morador do CRUSP, e eu, planejamos, organizamos e realizamos o Painel. Foi difícil, os entraves muitos. Mas fiquei feliz com toda briga que tivemos de empreender contra a burocracia universitária e contra a inércia cruspiana. E afinal o Painel saiu e foi talvez o evento mais significativo daquele ano para os escritores que optaram por essa via de divulgação dos seus trabalhos que é conhecida por "marginal". É preciso esclarecer que esta opção às vezes é tão somente falta de outras perspectivas e se apresente transitória, como o degrau de uma escada: até entre os marginais existem os carreiristas, assim como os mediocres e os sub-literatos. A sociedade humana fede em qualquer lugar. Ainda assim, foi uma pena que em 1982 não tive tempo para participar da organização e realização do Painel, porque gostaria de ampliá-lo e evidenciar dentre dele estas questões que abordei.

## 09 - Você trabalhou com o Pachi, o Bauru e a Tânia no "Ora, Pombas!": como foi essa transa? Por que ele deixou de circular?

R - Existe neste caso toda uma história mal contada, pra não dizer adulterada, e que até hoje não esclareci porque envolvia um trabalho que gostava e queria isento. Acusaram-me, em editorial ou coisa que o valha, de ser o responsável pelo atraso de uma edição do "Ora" (adoro este nome, eu o preferia a "Nanicos", que acabou vingando na primeira revista que criei devido ao clima da época), porque retirei matérias que chegaram para ser editadas por meu intermédio, o que é crítila verdade masomite, sacanamente, a origem desta minha atitude, que foi radical como se pretendeu, e que é a seguinte: queriam, Tânia à parte, envolvida e cida da sem saber de nada, modificar um texto do Otávio Paz que um amigo havia traduzido, suprimindo um "NÃO" de uma frase para que ficasse com sentido afirmativo, porque assim estaria de acordo com suas cabecinhas esquerdoídes. Não posso concordar com isso e nem aceito colaborar em revistas que seguem esta norma editorial. E mentiram ainda dizendo que as matérias já tinham a arte-final feita, "com carinho pela Tânia", pois a da tipografia/composição dos textos estava então no inicio. Queriam criar a impressão, e o afirmaram, de que o monstruoso atraso na edição desse número da revista era culpa minha, o que é falso e se deveu mais à incompetência e inexperiência editorial deles próprios, até mesmo porque estávamos com excesso de artigos praquel número e a exclusão de minha colaboração diminuiu o trabalho a fazer. Quanto ao fim do "Ora", uma vez que não tinha nem poderia ter problemas financeiros, não estava mais ligado à revista e não sei. Mas posso dizer que toda vaidade necessita de platéia e de espírito de competição (eta capitalismo bravo!), e se um e outro desaparecem acaba a necessidade da farsa do espetáculo.

## 10 - Qual é a sua opinião sobre os jornais estudantis? Em especial sobre este jornal.

R - De maneira geral não gosto dos jornais estudantis que chegam às maos, e já escrevi sobre isso no próprio Jornal do Crusp. Porque são desequilibrados: ou criativos na forma e sem conteúdo, ou interessantes enquanto informação mas ilegíveis pela má qualidade gráfica, ou sectá.

# USP 68: resistência à dita dura militar?

outro dia depois do AI-5, o Crusp foi invadido e desocupado pelo II Exército. Os acontecimentos daquele período estão registrados (segundo a ótica da própria instituição militar) sob a forma de um Relatório de Inquérito Policial Militar, do qual temos um exemplar.

Objetivando aprofundar a discussão sobre o problema da moradia estudantil, entrevistamos um dos citados naquele Relatório (... "Residia no Crusp, ocupando o ap. 201 do Bloco C. ... Era um dos pioneiros da subversão no Crusp, tendo sido um dos elementos do seu núcleo inicial esquerdista." pg. 81): prof. do Instituto de Física Silvio Roberto de Azevedo Salles.

Antes, porém, faremos um breve apanhado histórico, procurando levantar questões importantes para situação do leitor com relação àquele período da política do país.

## O M.E. E O CRUSP NA DÉCADA DE 60

As prisões, perseguições, expulsões de faculdades que se seguiram ao golpe de 1964 conseguiram num primeiro momento esarticular o M.E. Completa o quadro da repressão a famigerada Lei Suplicy, de autoria do ministro da Educação do mesmo nome. Por ironia, esta lei acabou sendo um motivo de luta que propiciou o início da reorganização dos estudantes. Ela revia a transformação dos antigos Centros Acadêmicos em Detórios Acadêmicos subordinados às direções das faculdades obrigava os alunos a votarem as eleições para tais D.A.s, sob pena de perda do ano escolar. Além disto, os candidatos assavam por uma triagem ideológica para serem indicados.

Reunidos em julho de 1965, os estudantes deliberaram atrações do XXVII Congresso da UNE oiticotar a Lei Suplicy, marcando o dia 16 de agosto para Dia Nacional de Repúdio à Política do Ministro da Educação. O boite e a manifestação foram considerados de pleno êxito.

1966 foi o ano das passeatas estudantis. A Lei Suplicy, a prática, estava na lata de ixo da história. Mas havia os Acordos Mec-Usaïd, que visavam uma reformulação da Universidade Brasileira, obedecendo os padrões políticos norte-americanos, no sentido de transformar os estudantes em mão-de-obra barata e semi-qualificada.

Neste contexto, o XXVIII Congresso da UNE, em 1966, é realizado em Belo Horizonte sob intensa repressão, contrariando com o anterior, que havia sido realizado em São Paulo abertamente. Apesar dessa situação, mais de 400 delegados chegaram ao local, um conjunto de padres franciscanos, que terem driblado a repressão com o anúncio de sua realização em outras localidades.

do, mas os estudantes driblaram novamente a polícia. Neste congresso, os sinais de radicalização foram visíveis, sendo uma das deliberações centrais o combate e a condenação ao então presidente da república, o Marechal Costa e Silva, bem como a concretização de uma aliança operário-campesina-estudantil contra a aliança das classes dominantes brasileiras com o imperialismo. Um dos textos inspiratórios da linha política adotada no Congresso foi o Revolução na Revolução, do pensador marxista Regis Debray (hoje assessor de Mitterrand para assuntos da Am. Latina e Caribe), um balanço da experiência cubana que concluía pela possibilidade de generalização daquele modelo de tomada do poder para toda a América Latina.

Em tal ritmo explosivo, um dos grandes estopins do M.E. foi a morte de Edson Luiz, estudante secundarista, em 28/3/68, no restaurante Calabouço, Rio de Janeiro. Sob o tema "Neste luto começou a luta", manifestações de repúdio ganharam as ruas. Mais de 50 mil pessoas acompanharam o enterro do estudante. O outro estopim foi o Maio de 68 Francês, quando socialistas, comunistas, maçons, trotsquistas, anarquistas e todos os outros matizes políticos que se possa imaginar uniram-se numa condenação unânime do "sistema". Esses momentos de conflito tiveram forte repercussão no contexto repressivo em que vivia o Brasil e conduziram todos à ação e ao engajamento político. Dentro das escolas ganhou força o movimento participativo com a constituição de Comissões Paritárias. Na Ciências Sociais, o trabalho desta comissão foi relativamente frutífero, modificando muitas coisas ultrapassadas, tanto no currículo quanto na estrutura administrativa do curso. Circundando essas reformas no interior da estrutura universitária, o ambiente era de total romantismo revolucionário. Um auto-falante voltado para fora do prédio tocava o dia inteiro "A Internacional". Eram armazenados pedras e rojões no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antônia, com vistas a um "possível ataque" da repressão.

O ataque acabou vindo do outro lado da rua, da Universidade Mackenzie, via C.C.C., Comando de Caça aos Comunistas. Durante dois dias houve enfrentamento entre tiros de revólver, fuzil e metralhadoras de um lado e pedras, rojões e "coquetéis Molotov" do outro. A polícia, a pretexto de acabar com aquela "briga de estudantes", invade o prédio da Filosofia, desalojando os universitários e transferindo-os para a Cidade Universitária. "Surgiu agora a possibilidade de concretizar a tão sonhada aliança com os operários. Em Oca-

res, cansados da política de violento arrocho salarial do governo, não só haviam entrado em greve, mas haviam ocupado várias fábricas. Para Osaccc, foram deslocados contingentes de estudantes para entrar em contato com os líderes grevistas." (1) Isto era mais do que o governo poderia suportar. Utilizando-se do pretexto de um discurso pronunciado pelo então deputado federal Mário Moreira Alves, Costa e Silva fechou o Congresso Nacional e decretou o AI-5.

O Movimento Estudantil, por sua vez, havia sido completamente desbaratado, pouco antes da edição do AI-5, durante a tentativa de realizar, em outubro de 1968, o XXX Congresso da UNE. As sessões desse congresso em Ibiúna iam a maio, quando ocorreu a invasão policial. Todos os líderes estudantis foram presos.

Desta maneira, aqueles estudantes que ainda desejavam continuar sua atuação política não restou senão um caminho: a luta armada contra o regime.

Neste contexto, o Crusp desempenhou papel fundamental. O jornal "O Dinâmico" nº 1/69, publicado pelo Cefisma descreve, em retrospecto, a importância política do Crusp em 1968: "...O Crusp, principalmente após à invasão da Maria Antônia, passou a ser o centro político do M.E. Assim, todas as assembleias universitárias e toda a coordenação do movimento em São Paulo, passam a ser no Crusp. Além disso, o fato de ser um local de contato de estudantes de todas as escolas e o fato desses estudantes estarem temporariamente desligados da família, além de outros fatores, propiciam um amadurecimento maior do estudante e criam condições para adquirir uma visão maior das contradições da sociedade, ou melhor, uma elevação de seu nível político. O Crusp, por isso, sempre foi alvo do governo, que várias vezes encontrou pretexto para invadi-lo militarmente ou mandou grupos fascistas criar 'clima de terror'."

Porém, a 17 de dezembro de 1968 uma operação militar invadiu os alojamentos do Crusp, prendendo muita gente e desocupando os prédios. "Isso foi feito", conta o Jornal do DCE nº 2/79, "com incrível aparato militar, tanques, brucutus e metralhadoras. A partir daí, o Crusp permaneceria fechado e cercado pela polícia."

Ao mesmo tempo, os resultados da luta armada foram os mais desastrosos possíveis: "As massas populares, que, segundo a conhecida teoria do foco guerrilheiro, seriam motivadas a se organizar e lutar através das ações da guerrilha, encharcadas pela propaganda oficial e alienadas pela severa censura à imprensa, preferia comemorar ruidosamente pelas ruas a conquista do tricampeonato mun-

em humor. Enfim, desagradáveis. O Jornal do Crusp é irregular, alternando lances bons com gols contra; as vezes de difícil leitura, quer pela impressão, quer pela composição em corpo diminuto, quer pelas telas que se pretendem literárias e não o são, quer pelos artigos políticos em sua maior parte infantis. Conheço de perto as condições em que é feito, a precariedade humana e financeira, e mesmo a abertura editorial aos moradores do CRUSP que o caracteriza, e é ótimo que não haja discriminação alguma, mas se isso explica o fato não o desculpa, e afasta o leitor que não está ligado à vivência cruspiana ou aquele que é minimamente exigente.

11 - O que você sentiu como morador da Cadopô e do CRUSP?

R - Foi uma etapa de minha vida e a vivi da melhor e mais intensa maneira que me foi possível. Não tinha ilusões a respeito da Universidade e da vivência estudantil para me decepcionar com os calhorda que encontrei nestes meus quatro anos de moradia estudantil e de faculdade.

12 - Você tem projetos para o futuro?

R - Escrever, escrever e escrever. Voltando para Ituiutaba, mudar minha atual vivência com as pessoas, arejar meu cotidiano. Vou trabalhar na zona rural e isso significa mudar da rotina de impossibilidades que São Paulo me obriga para uma vida com mais imprevistos e mesmo uma certa dose de imponderável no ramerrão diário. Isso me atraí por agora, futuramente posso repensar tudo e par tir para outra, ou me apegar e ficar por um tempo maior que o que vislumbro hoje. Pretendo também, se possível, continuar com algum trabalho em jornalismo. Mas principalmente quero terminar a novela e o romance que tenho iniciados.

13 - Fale sobre estes trabalhos.

R - "Estou Cansado Disso Tudo" é o nome da novela. Já o romance tem por título "Sob o Signo da Liberdade". E só o que dá pra adiantar, e mesmo creio, que seria chato ao leitor do Jornal do Crusp detalhes sobre o andamento dos livros. E le-los, quando prontos, e não pré-comentários sobre intenções que podem, inclusive, não se realizarem. A obra é quase sempre maior que seu autor, embora alguns artistas sejam mais interessantes que suas criações.

# a idade média

— Moço, tomei conta do carro!

— Quanto é?

— Cem cruzeiros.

— Tome.

— "Brigado"!

João Paulo entrou em seu VOLKS 63 e foi pra casa. Chegando lá nem jantou, foi direto para a cama. Era inverno e mais de meia-noite.

— Gostou do filme, amor?

— Gostei.

— O que você tem?

— Na saída do cinema dei cem cruzeiros a um moleque que tomou conta do meu carro e isso me perturbou.

— Por quê?

— Pensei que se ele tivesse condições de estudar não estaria no frio àquela hora.

— Como assim?

— Se a escola pagasse salário para as crianças carentes, elas não precisariam trabalhar em circunstâncias tão adversas.

Murielle não se interessou pela conversa, nunca tinha trabalhado. Não demorou muito para que ambos estivessem dormindo. No dia seguinte João Paulo não trabalhou direito, os acontecimentos da noite anterior ainda burilavam em sua cabeça.

— O que você tem, João?

— Por que você está falando isso?

— É a quinta vez que você carimba a mão?

— Não é nada.

No caminho para casa João Paulo veio pensando. Afinal, tinha que fazer alguma coisa. Pensou em escrever ao Fantástico mas achou que não ia adiantar. Ligou o rádio.

— Oh, yes! Is good to be a King...

Aquela frase da música o abalou. Imediatamente João Paulo estacionou o carro.

— É isso!

Faria uma greve de fome em frente ao Palácio dos Bandeirantes, vestido de rei. João Paulo estava obcecado, pouco lhe importava o que Murielle ou sua mãe pudesssem pensar.

— Vou comprar uma fantasia.

Antes porém, João Paulo parou em frente

uma lanchonete e almoçou. A greve só teria sentido em frente ao Palácio. Eram duas da tarde quando João Paulo chegou. Nos primeiros trinta minutos o único a reparar nele foi o vendedor de doces que também estava ali em frente.

O tempo passava e lá pelas seis da tarde foi notado pelo motorista do governador que quase o atropelou ao sair.

— Você é louco meu?

— Não! Estou em greve.

O motorista desviou e foi embora. No dia seguinte a situação foi diferente. O boato de que havia um homem vestido de rei em frente ao Palácio dos Bandeirantes tinha se espalhado. A televisão até veio.

— O porquê da greve, seu João? Olhando para a câmera.

— Estou em greve de fome até ser nomeado rei de São Paulo.

— Caso suas reivindicações sejam atendidas quais serão seus primeiros decretos?

— Posse eu um rei do mundo, baixava a lei que obrigasse as escolas a pagar um salário às crianças carentes.

João Paulo tinha conseguido, suas declarações abalaram o estado inteiro, vinham caravanas do interior se solidarizarem com ele. Até mesmo o Exército se sensibilizou. Uma semana depois João Paulo era nomeado rei do estado de São Paulo. Levado para dentro do palácio baixou o seu tão sonhado decreto.

— Moça, aqui é o ponto final.

João Paulo acordou assustado e desceu do ônibus. Nunca mais passaria a noite em claro estudando para a prova de história.

A idade média não era tão importante assim.

By Orlando Pandolfi Filho

Texto Orlando Pandolfi Filho

Revisão Orlando Pandolfi Filho

Pesquisa Orlando Pandolfi Filho

Produção Orlando Pandolfi Filho

Tradução Orlando Pandolfi Filho

Direção Orlando Pandolfi Filho

by Orlando Pandolfi Filho

# CONTO VERDADEIRO

Marcel me perguntou pela verdade. Sem palavras virei o rosto na direção da rua, transpus a janela, flutuei e fui parar num a-gomeu que estacionava em frente a padaria de Seu Francisco. Sentei rica, pensei. Marcel me de conta. Que queria ele com a verdade? Não é de sua conta, pensei em dizer. Nada disse. Medo de que ele fosse embora. Quero a verdade, Jair. Ele berrava. Berava alto, alto. Era um bezerro-cho-chorão. Um bezerro. Vai acorar Dona Marta, eu me disse, coiada, tão velhinha e morando só. Cidade. Vida. E os filhos de lá? E os netinhos? Dizem que tem tantos. Não se esconda em você, Jair, seja homem! Eu? Ri. Ri bastante. Não ria seu covarde, falei a verdade. Por que esse medo de dizer a verdade agora? Nem era medo. Que queria ele com a verdade? Repensei. Seria ela tão necessária? Conheço figuras humanas que morrem mentindo. Dizem que as mulheres. Exagero. Que exagero! As mulheres são tão delicadas, tão frágeis, tão bonitas. Não... que as vezes tenho vontade de ser como elas. As vezes tão bonitas. Tão sensíveis, Jair, para de pensar. Pensar só e fugir. Aja! Aja! Agora. Ja. Meu pensamento foi estacionar no alfa que saia. Um senhor de cinquenta anos. Vermelho de cabelos brancos. Forte e alto. Um senhor! Cinquenta anos, um alfa e um saco de pães. Seria dele? É tão difícil julgar as pessoas à distância e a altura ainda por cima. Seu olhar subiu e não disse palavra, ainda vou descobrir a verdade, Jair. Não olhei para Marcel. Olhei as pessoas autoritárias. Quem disse que tenho obrigação de falar quando não quero? Nem me lembro mais. Ele que descobrisse a verdade. Sozinho, sozinho. Ninguem dono dela. Ninguem. Estaria em qualquer lugar e livre. Para ser encontrada. Utilizada. Não tenho verdade nenhuma, pensei em dizer. Mas o medo... Ultimamente eu sentia muito medo de ficar sozinho... Marcel era minha única paisagem. Não falaria. E não falaria. Não possuia verdade, mas verdades. Como passá-las a ele? Tantass. Tantas que ele nem era capaz de captá-las todas. Captá-las talvez, entendê-las jamais. Por que você não descobre a verdade sozinho? As palavras me machucaram por dentro, feriram meu estômago, meus intestinos, todos meus órgãos internos. Por que que você fala para dentro, seu entroso? Falar sozinho é fugir para dentro de si, e se trancar numa casca, se encurralar. Inacreditável, ele adivinhava quando eu falava comigo, sentia meus órgãos doerem, embora não enteasse o que eu conversava. Senti meus dois bisturis em mim. Seus instrumentos de trabalho. Sangrei. Continuei sangrando. Meu corpo todo foi se colorindo da presença de Marcel. Vermelho. Sangue. Marcel. Repentinamente estava mais bonito. Pensei num mar de mel,

eu mergulhando. Pensei numa gaivota sobrevoando aquele mar, baixinho, baixinho... O olhar de Marcel doce. Tão doce! Gosto de teu olhar, Marcel. De teus olhos. Gosto de ti, Marcel. Você é o único habitante do meu planeta. Pequeno Príncipe. Teus olhos, teus mares. Teu sangue vermelho, teu sal. Suor. Teu mar de sal e do sol. Claridade. Brilho. Céu. Olhos, pele. Marcel, Marcel! Não me olhe assim, Jair. Sei que satisfação teu ego. Não gosto mais como você me olha. Se ainda me dissesse a verdade... Sorrio. Feliz. Você tem o olhar tão bonito e sua visão tão curta. Olhe-me! Nos olhos. Bem aqui nos olhos. Não com seus bisturis. Como ontem, lembra? A verdade é sentir o prazer de chupar uma laranja doce. Docemente saboreá-la. Olhe-me! Sinto que você me pede algo, Jair. Não sei o que é, fale pelo amor de Deus. Você emudeceu. Havia angústia nele. Odeio angústia. Ela mata a beleza, a juventude. Marcel ficou mais velho e ingreme. Quarenta anos. Vinte anos. Marcel, vinte anos, Marcel. Por que essa angústia repentina? Ele adivinhou meu pensamento. Estou triste, Jair. Triste. Meu olhar o acariciou. Reconsolo. Nada disse. Palavras inúteis, inúteis. Só a presença de Marcel marcava o diálogo. O contato de seu corpo. O calor. A troca. Repentinamente Marcel se larga de mim. Olha-me profundo todos os detalhes como se procurasse alguma verdade. Em mim. Quase lhe disse que não era em mim. Nele. Nele como pequeno príncipe desse planeta. Olhou-me como nunca. Caladamente. Calmamente. Colocou suas duas mãos em meus braços. Olhou-me. Nos olhos. Profundamente. Nos olhos. Como se neles os misterios se desfizessem. Tinha tantas dúvidas e queria que eu, eu lhe dissesse a verdade. Pobre de mim! Marcel continuou me olhando. Olhando-me. De cima para baixo, todo meu corpo, de baixo para cima. Marcel me despiu. Acariciou meus cabelos. Beijou-me. Carinho? Os lábios estreitaram. O rosto. Abraçou-me forte. Muito forte. Queria transferir. Começou a tirar minha roupa. Minha camisa. Olhar. Meus sapatos minhas meias num movimento único sofrigamente. Pausa... Seus dois grandes potes de mel me perscrutavam. Falá, Você tem um corpo bonito. Bonito de ser visto. Ser admirado. Você não tem pelos. Como uma mulher. As mulheres são lindas. E Marcel foi me despindo integralmente. Agora o cinto. Sinto o desabotoar da calça, o zíper. Repizzz... A calça caindo, caindo. Agora chega, Jair. Vou descobrir a verdade a qualquer custo. Fale! Fale! Mudez. Coloquei. Coloquei as mãos na cintura. Abri um pouco as pernas, um ângulo de trinta graus, talvez. Fazia calor e uma brisa soprou. Sentia-me bem assim despido. Quase despi. Láfora intensa luz. Aqui dentro luz que entrava pela

janela. Eu quase nu. Vou descorbrir a verdade. Você está iludido. Teu olhar, teus olhos tão bonitos tua visão tão curta! Não é aqui. Meu corpo é belo, meus cabelos castanhos, encaracolados. Aneis. Meu corpo pode ser lindo. Macio e jovem corpo. Cama. Só teus olhos, teu olhar, valem mais que meu corpo. E você não vê. Você só vê a mim, Marcel. Ou você não se enxerga? Por que você não fala, Jair? Fica aí me olhando feito gente boba. Quero ouvir tua voz. Mas era como se tudo que eu tivesse a dizer ele já soubesse. Marcel se aproximou de mim e começou a tirar minha última veste. Devagarinho... Devagarinho. Ele foi me despiendo e eu impassível. Impassível e vivo. Imóvel. As pernas em ângulo maior agora. Quarenta e cinco graus. Chegariam a cem graus? Os braços agora cruzados. Quarenta e cinco graus. Marcel suspendeu minha perna esquerda. Eu mudo? Me fez me mexer. Apoio-me. As pernas unidas. O panocai. Primeiro a perna esquerda levantada. Apoio-me. Eu mudo. Depois a direita. O panca voa. Eu livre. Livre e sem roupa. Nu. Sem pelos. Todos me olhavam sem sair do lugar. A vinte metros do chão permaneci. E todos me olhavam, imediatamente me olhavam. Se você não me disser a verdade agora você vai virar estátua na padaria de Seu Francisco...

Olhei-o e vi mais expressão. Seu olhar agora era límpido como um mar de águas cristalinas. Como um céu azul celeste pintado de brancas nuvens. Peixinhos nadavam no brilho de seu olhar; nuvens se desmanchavam e se desfaziam na claridade daquele olhar. Que bonito, Marcel! Teus olhos. Guardei a delícia só para mim. Que lindo, Marcel! Os peixinhos agora corriam velocemente em seus olhos. As nuvens desenhavam imagens, imagens. Que maravilha! O olhar que eu tanto gostava subia a tona. Flutuava. A luz mais forte, o brilho maior, os peixinhos mais claros e nítidos, mais brilhantes a rebrilhar. Claridade. Claridade... Te amo, amigo. Te amo. Mas a verdade não é meu corpo. Nem nu você conseguiu me ver por dentro. Nem nu.

Marcel começou a se despir também e disse que iria saber toda a verdade agora.

Apenas olhei-o, nu, e sorriu feliz.

FIM

CONTO DE:  
JOÃO DE DEUS BARROS

Aluno de Letras Vernáculas.  
ESSE CONTO É DEDICADO A TODOS AQUELES QUE ESTÃO BUSCANDO A VERDADE ATRAVÉS DE QUALQUER MEIO, SÓ BRETUO ATRAVÉS DE SEUS PRÓPRIOS CORPOS OU DE OUTROS.

vista que se segue  
clarões de alguém  
u de perto boa parte  
acontecimentos e parti-  
, além disto, da luta pe-  
moradia estudantil.

"Eu acho importante para a  
universidade ter uma residên-  
cia para seus alunos, abrir  
portas de morar no campus, cri-  
r uma vida universitária.  
o  
ue eu espero é isso: que  
rusp seja reformado, que as  
condições de moradia sejam a-  
radáveis." Estas declarações  
oram feitas, em entrevista ex-  
clusiva para o Jornal do CRUSP  
 pelo professor Sílvio Roberto  
 e Azevedo Salinas, morador do  
rusp até 1967 e atual docente  
o Instituto de Física.

Para o ex-cruspiano, a úni-  
a solução viável para o Crusp  
tualmente é a administração  
aritária da moradia pelos a-  
uais moradores e a Coseas. Sa-  
inas entende "que nem pode  
er só vocês (os alunos), nem  
les (Coseas). Será que eles  
ao aceitariam esse tipo de ad-  
ministração?" Entretanto, o ex-  
ruspiano destaca que isso só  
é possível "se eles reformarem  
os prédios, transformarem a  
oisa em algo decente e libera-  
em verbas".

Salinas justifica sua posi-  
ção fundamentado no fato de  
que estudante não tem capacida-  
e de administrar (sic), nem é  
essa a sua função. Os estudan-  
tes poderiam participar do con-  
selho fiscal e gerenciar, ten-  
o direito a participação nas  
decisões. Mas o gerenciamento  
não si deveria ser feito por  
uncionários com direitos ad-  
uiridos pela legislação tra-  
balhista. "Uma participação ta-  
mha e repressiva da Universi-  
tade é o que a gente não quer.  
Eu acho que há clima hoje em  
dia para uma participação inte-  
ligente da Universidade", dis-  
só ele.

#### Ocupação do CRUSP

O professor Salinas lem-  
brou, em breve histórico, a  
primeira época do Crusp, que  
anter a 63. Destinado aos  
Jogos Panamericanos, o Crusp  
ospedaria os atletas participan-  
tes. Entretanto, houve na  
poca uma epidemia de meningi-  
te, além da falta de verbas, o  
casionando o cancelamento dos  
Jogos em São Paulo. Diante des-  
sas ociosidade, os estudantes  
decidiram tomar os prédios, e  
a Universidade passou a admi-  
istras o Crusp. Devido ao re-  
duzido número de moradores (160)  
não houve qualquer tipo de pro-  
blema para que a Universidade  
seusse o Crusp, através do  
suo - Instituto de Saúde e  
serviço Social da Usp.

A sua transferência para o  
rusp ocorreu em 65 e em 67 já  
avia o equivalente ao atual  
número de moradores (430) dis-  
tribuídos entre os blocos, do  
do F. Carregando "ótimas re-  
cordações" do Crusp desta época,  
afirmou que "a vida social  
era bastante interessante, e  
que o papo da promiscuidade se-  
não é absolutamente falso". E  
resso do Ita, uma escola em

realidades contrastavam firme-  
mente. "O Ita tinha um ambiente social bastante repressivo; o Crusp foi uma abertura sob este ponto".

Segundo o docente, o primei-  
ro movimento de que participou  
durante a sua fase como cruspiano  
foi a "Greve do Fogão", em  
65. "Foi um boicote ao restaurante.  
Os cruspianos não comiam mais no restaurante e faziam um apelo ao pessoal para  
que fizesse o mesmo. Como o  
pessoal não podia comer por fo-  
ra, levaram um fogão, um único  
fogão, ao Crusp. Compravam-se  
mantimentos e a comida era feita  
coletivamente. Na época houve  
muita publicidade", lembra  
ele.

#### Fogão, o agente da subversão

A greve prolongou-se por 3  
meses, com a tentativa de in-  
tervenção da reitoria. "Vaiu a  
mulher do reitor - continua ele - , conversou com todo mundo mas naturalmente não convenceu ninguém. Na calada desta noite veio a polícia e levou o fogão. O fogão era o agente da  
subversão. (Risos) Quando o  
pessoal percebeu o que estava  
acontecendo, começou a cantar o hino nacional."

Na medida das necessidades,  
o Crusp passou a ser ocupado  
gradativamente pelos estudan-  
tes. Em 67 - quando Salinas mu-  
dou para o prédio da pós - o  
correu a segunda invasão, de  
dois andares do bloco F. De ci-  
ma de seu bloco, o professor  
viu a invasão e a pancadaria a  
acontecer. Desceu junto com  
um padre estrangeiro, que mora-  
va com ele, tentando intervir e  
protestar contra a repres-  
são. Mas foram presos no ato.  
Salinas lembra que em 69/70 a-  
tende que era "normal" que a re-  
pressão agisse, mas em 67 "ab-  
solutamente não era".

"O fato de eu ter sido preso em 67 foi uma das razões por eu ter saído do Crusp, pois estava sendo muito visado e precisava de um lugar tranquilo para morar e estudar", declara o professor. Ele fala que já nessa época era difícil viver no Crusp, devido à constante presença do Dops. Entretanto, no período 67/68, houve um avanço da organização cruspiana, no sentido de uma militarização, proibindo-se a entrada de policiais na moradia. O pessoal da segurança ia constantemente vigiar o Crusp e o resultado era que acabava apanhando.

#### A luta armada

Dissertando sobre a milita-  
rização daquele período do Crusp, Salinas a considera mu-  
to rudimentar. Ele lembra que o pessoal que partiu para a luta armada realmente pensava de maneira primitiva, por isso tendo sido derrotados. Havia certo consenso de que a intensificação da exploração verificada no Brasil, América Latina, enfim, no 3º Mundo, possibilhava mudanças revolucionárias através da luta armada. Portanto, bastaria que se colo-  
cassem os guerrilheiros nos

ção seria detonada.

Assim, quanto ao aspecto orga-  
nizacional, o ex-morador  
classifica o Crusp em dois mo-  
mentos: antes e depois de 67,  
quando da criação da AURK - As-  
sociação Universitária Rafael  
Kauan. Os processos anteriores  
a 67 teriam sido mais espontâ-  
neos e o tipo de política mais  
ligada à base. Ele acha que de-  
ve ser feita uma crítica muito  
grande ao segundo período e se  
tentar evitar sua repetição.

Se antes de 67 os cargos  
que compunham o colegiado eram  
preenchidos através de eleição  
direta, sem chapas ou vincula-  
ção partidária, com a fundação  
da AURK procedeu-se um "fechamento", passando a haver elei-  
ções de grupos, programadas e  
presidentes. O docente atribui  
esse comportamento à mentalida-  
de de que havia a necessidade  
de se organizar militarmente.  
"Alguns achavam que podiam  
bater o aparelho do Estado ar-  
mado até os dentes, com os mé-  
tados de guerrilha urbana, fo-  
cos insurrecionais", completa  
o professor.

#### Viver no Crusp

A vida cultural se integra-  
va na mobilização e aglutina-  
ção dos cruspianos, bem como  
dos estudantes de toda a Uni-  
versidade. O prof. Salinas lem-  
bra que havia uma grande livra-  
ria alternativa: a Banca da  
Cultura. Ela cresceu gradativa-  
mente, sendo uma das princi-  
pais fontes de renda para a  
AUR, juntamente com o bar do  
Crusp, ambos objetos de inten-  
sas disputas entre os grupos  
políticos.

Mas a grande atração do  
Crusp eram as palestras, os  
cursos e shows de música popu-  
lar, que contavam com grande  
público.

A AURK editava dois jor-  
nais: o "Vanguarda" e um jor-  
nal mural. A Revista "Nova  
Cultura" incluía desde textos  
sobre a situação política do  
país e do mundo até a situa-  
ção do M.E. e da universidade  
brasileira. O primeiro texto  
do nº 0 disserta sobre as vá-  
rias estruturas econômicas:  
feudalismo-capitalismo, socia-  
lismo, etc., de foma didáti-  
ca, para principiantes em eco-  
nomia política e história da  
economia.

O esporte preferido dos  
cruspianos era nadar na raia  
olímpica, embora a água cor-  
resse o risco de contaminação  
pela proximidade com o rio Pi-  
neiros. "No Instituto da Uni-  
versidade fazia freqüentemen-  
te a análise da água e a buro-  
cracia tentava proibir a nata-  
ção", conta Salinas. "Aquele  
piscininha vazia que é do la-  
do direito do estádio de fute-  
bol, no Cepeusp, foi construí-  
da para que os cruspianos não  
fossem à raia, mas não adiantou: eles continuaram a ir na  
raia e na piscina. Até que um dia um rapaz foi nadar na  
raia e morreu afogado. Tinha  
sido um dos primeiros invasores. Seu nome, Rafael Kauan.

**Bibliografia**

O Poder Jovem, Arthur Poerner  
= = =  
O que é M. E., Antônio Mendes  
Jr.  
= = =  
I. P. M. Inquérito Policial Militar - Crusp 1968/69

**Matéria de: ELEM LUIS JÚLIO CLÁUDIO**

Sou Poeta

apestar de tudou estou sempre  
mentindo

Como não há verdades eternas  
e nem eu sou eterno  
e nem mesmo sei o que estou fazendo  
aqui e agora sou um  
conglomerado de dúvida nua matriz de  
Fé.

Fraco incerto efêmero e frágil  
atinja a perplexidade inventando  
verdades nas quais, não sei porque  
acredito.

Deus está perto de mim  
e isso me é cada vez mais  
muito forte

Pois vendo como um cego  
agora escuto, tateio, cheiro  
e absorvo como nunca fiz  
o gozo da vida.

JIMY

nacos de nuvem

Amigo é feito filho do meio.  
É ter de si em ti o reflexo.  
É um êxtase perplexo.  
É cara metade num espelho alheio.  
Imagem própria ao avesso.  
É paixão dividida ao meio.  
É ter no peito espírito travesso.

VICTOR V. B. ARAÚJO

nacos de nuvem

O dia amanhece e os jornais  
Gritam o apocalipse em notícias  
Que falam do poder destruindo  
Enquanto passa de mão em mão

E os homens, apáticos  
Como se n' scubbessem nem entendessem  
E alguma até  
Porque não sabem ou entendem  
Pinguim que estão ocupados.  
Envolvidos no seu afazer

E segunda-feira  
Os homens correm apressados  
Apesar de cansados, aliviados  
Pois em suas memórias  
Ainda guardam a lembrança  
Do fim-de-cemana  
Quando eles eram os donos  
Dó que tinham pra fazer

Só que pra quem sempre obedeceu  
É difícil escolher  
Viver uma vida de opções  
Nem sempre é fácil  
Pra quem só conheceu obrigação.

E o jornal fala do sistema  
Matando um automato pelas mãos de outro

Fala da exploração e da  
Sociedade auto consumidora  
E o homem nem escuta

Dorme, cômodo na sua inconsciência  
E deixa irem aos poucos furando seu barco

O barco desse homem em extinção  
Que n' percebe além da sua convivência imposta

ENI CARDOSO

nacos de nuvem

Lamber este teu beijo grosso  
como se estivesse abusando do vinho  
querer seu cheiro viajando em meu ser  
me embebedendo  
querer suas palavras acostumando a música  
de nossos corpos  
como se assumissemos nossas veias  
metamorfose concedida.

nossos corpos carentes  
iluminando-se  
como cavalos brandos galopando nas nuvens  
devaneio dos deuses,

o seu útero revoluciona os hormônios  
nossos físicos se mascam...

BRAVO

nacos de nuvem

P	U	N	K
p	i	n	k
l	i	n	k
l	i	n	e
w	i	n	e
w	i	n	d
w	i	l	d
w	i	l	l
K	I	L	L

P	O	R	N	O
p	c	o	r	o
l	c	o	r	o
l	c	o	r	o
w	c	u	r	o
w	s	u	r	o
w	s	a	r	o
K	S	A	C	R
I	A	C	R	O

# marquinho

# criação

A abóboda invertida, unida, lisa e escorregadia estava preparada para receber os elementos da composição que começaram a se precipitar em nuvens brancas que depois tornar-se-iam pegajosas ao contato com minúsculos cristais brancos, caldo leitoso e um meteorito que, através de sua transparência distinguiu-se núcleo e citoplasma com pondo o corpo e calda.

Este momento um corpo estranho vindo do espaço, obliquamente, manipulado por uma força indomável, penetrou naqueles corpos os violentado, com jactos projetando-se à parede da abóboda, explosões plasmódicas oriundas de um rodamoinho que culminaria com o expedir de partículas esvoçantes e partes moloides de uma massa que começava a ficar densa. Agora se divisavam novas formas como buracos negros de fundo infinito antecedidos de corredores efêmeros causados pela ciclica dilaceração de entranhas. Aquele leite seria substituído pois a fermentação já era viva sentida. O líquido untuoso foi envolvido por uma gruta escura ladeada por inúmeras pequenas tochas que antecipavam um ritual. Eram larvas frias! A costa avermelhada concebia-se o épico do nascimento! Era apenas uma questão de tempo. Logo o bolo estaria pronto.

Edison Benton

3 da madrugada

Noite alta

Nada

Os pernilongos do CRUSP são tão combativos quanto os moradores. Uns verdadeiros canibaizinhos de 4 asas arrebatando o parco sono desta noite fresca. Deve ser a enézima vez... Quantos anos de existência não tem esse montáreu de prédios? ... que alguém falará sobre o visual desta raia: a cidade como imensa mulher deitada, silhueta, constelação de um mundo artificial movido à mercúrio; mercúrio que se ligá a ser inicio, ou serão fogos de artifício?

HORAS DO ITAÚ, longes, ténues, suspeitas.

Tão poucos lugares desta cidade permitem ve-la imensa como é: os olhos correm tanto a dar com muros, tetos, etc.

Onde nasce a lua?

atrás do bar da esquina.

Numa barra, mini-saia, menina.

Bossa-nova, jovem-guarda, piscina.

O sol se põe quase no horizonte junto à torre do Instituto de Física. A lua vermelha e imensa sobre a Paulista. Esse toque romântico de morar num ermo, cercado de grama por todos os lados. Os amores sempre longe, difíceis de achar, virando pinceladas de aquarela ao leve traço de poesia. Tanta gente jóia junta e meu corpo inteiro caçando amores em sonhos urbanos, chorando solidão de manhã. Os anéis de meu cabelo, a magia de minhas pulseiras, feitiços pequenos, bobagens incapazes de transformar amizade em amor.

CÉSAR

Vida

II

## LÁGRIMAS DE AMOR

ELÓI

Tua lagrima  
Torneava a chuva  
Mais pura

Umedeceja a terra  
E do chão cresceu  
Uma flor encantada

Emergia o sol  
Cheio de ilusão  
E promessas...

Iluminara a lua  
Brilhando estrelas  
Colorindo teu rosto

Lavrara a semeadura  
No chão melancólico

Envolvera com flores  
Cidade e campos  
Florestas e montanhas

Soprara a brisa  
Trazendo de volta  
Esse nosso amor  
Nosso sentimento...

Pássaros e primaveras!

Levara contigo  
Para bem distante  
As folhas secas  
Do último inverno!

# esia , sociedade , estado

octavio paz

Nada é mais pernicioso e bárbaro que atribuir ao Estado poderes na esfera da criação artística. O poder político é estéril porque sua essência consiste na dominação dos homens, qualquer que seja a ideologia que o mascara. Ainda que nunca tenha havido absoluta liberdade de expressão — a liberdade sempre se define diante de certos obstáculos e dentro de certos limites: somos livres diante disto ou daquilo —, não seria difícil mostrar que, onde o poder invade todas as atividades humanas, a arte se debilita ou se transforma numa atividade servil e maquinial. Um estilo artístico é algo vivo, uma contínua invenção dentro de certa direção. Nunca imposta de fora, nascida das tendências profundas da sociedade, essa direção é até certo ponto imprevisível, como o é o crescimento dos galhos de uma árvore. Ao contrário, o estilo oficial é a negação da espontaneidade criadora: os grandes impérios tendem a uniformizar o rosto cambiante do homem e a transformá-lo numa máscara indefinidamente repetida. O poder imobiliza, fixa num só gesto — grandioso, terrível ou teatral e, por fim, monótono — a variedade da vida. "O Estado sou eu" é uma fórmula que significa a alienação dos rostos humanos, suplantados pelos traços pétreos de um eu abstrato que se converte, até o fim dos tempos, no modelo de toda uma sociedade. O estilo que, à maneira da modinha, avança e tece novas combinações, utilizando alguns mesmos elementos, degenera em mera repetição.

Nada mais urgente que diluir a confusão que se estabeleceu entre a chamada "arte comunal" ou "coletiva" e a arte oficial. Uma é a arte inspirada em crenças e ideais de uma sociedade; outra, a arte submetida às regras de um poder tirânico. Diversas idéias e tendências espirituais — o culto da *pólis*, o cristianismo, o budismo, o Islã, etc. — se encarnaram em Estados e impérios poderosos. Mas seria um erro ver a arte gótica ou românica como criação do Papado, ou a escultura de Mathura como expressão do império fundado por Kanishka. O poder político pode canalizar, utilizar e — em certos casos — impulsionar uma corrente artística. Jamais pode criá-la. E mais: em geral sua influência torna-se esterilizadora. A arte se nutre sempre da linguagem social. Essa linguagem é, do mesmo modo e sobretudo, uma visão do mundo. Tal como as artes, os Estados vivem dessa linguagem e aprofundam suas raízes nessa visão do mundo. O Papado não criou o cristianismo, o que aconteceu foi o inverso; o Estado liberal é filho da burguesia, não esta daquele. Os exemplos podem se multiplicar. E quando um conquistador impõe sua visão do mundo a um povo — por exemplo: o Islã na Espanha —, o Estado estrangeiro e toda sua cultura permanecem como superposições estranhas até que o povo torne realmente sua essa concepção religiosa ou política. Vale dizer: enquanto a nova visão do mundo não se converte em crença compartilhada e em linguagem comum, não surge uma arte ou uma poesia nas quais a sociedade se reconheça. Assim, o Estado pode impor uma visão do mundo, impedir que brotem outras e exterminar as que lhe fazem sombra; mas carece de fecundidade para criá-la. A mesma coisa ocorre com a arte: o Estado não a cria; dificilmente pode impulsioná-la sem corrompê-la e, com mais frequência, mal tenta utilizá-la, deforma-a, afoga-a e a transforma numa máscara.

A arte egípcia, a arte asteca, o Barroco espanhol, a arte do "grande século" francês — para citar os exemplos mais conhecidos — parecem desmentir essas idéias. Todas coincidem com o apogeu solar do poder absoluto. Desse modo não é de estranhar que muitas pessoas ve-

jam em sua luz um reflexo do esplendor do Estado. Um exame sumário de alguns desses casos contribuirá para desfazer o equívoco.

Como todas as artes das chamadas "civilizações rituais", a asteca é uma arte religiosa. A sociedade asteca está submersa na atmosfera ora sombria ora luminosa do sagrado. Todos os atos estão impregnados de religião. O próprio Estado é uma expressão sua. Montezuma é mais que um chefe: é um sacerdote. A guerra é um rito: a representação do mito solar no qual Huitzilopochtli, o Sol invicto, armado de seu *xiuhcoatl*, derrota Coyolxauhqui e seu esquadrão de estrelas, os Centzonhiznahua. As outras atividades humanas têm o mesmo caráter: política e arte, comércio e artesanato, relações exteriores e familiares surgem da matriz do sagrado. A vida pública e a vida privada são faces de uma mesma corrente vital, não são mundos separados. Morrer ou nascer, ir à guerra ou a uma festa, são fatos religiosos. Por conseguinte, é erro grave qualificar a arte asteca como arte estatal ou política. O Estado e a Política não tinham conseguido sua autonomia; o poder ainda estava tomado pela religião e pela magia. Na verdade, a arte asteca não exprime as tendências do Estado, mas as da religião. Dir-se-á que se trata de um jogo de palavras, já que o caráter religioso do Estado não limita, mas robustece seu poder. A observação não é justa: uma religião que se encarna num Estado, como ocorre entre os astecas, não é a mesma coisa que um Estado que se serve da religião, como ocorre entre os romanos. A diferença é de tal maneira importante que sem ela não se poderia compreender a política asteca diante de Cortés. E mais: a arte asteca é, literalmente, religião. A escultura, o poema ou a pintura não são "obras de arte"; tampouco são representações, mas encarnações, manifestações vivas do sagrado. E do mesmo modo: o caráter absoluto, total e totalitário do Estado mexicano não é de ordem política mas de ínole religiosa. O Estado é religião: chefes, guerreiros e simples trabalhadores são categorias religiosas. As formas em que se expressa a arte asteca, tanto quanto as expressões da política, constituem uma linguagem sagrada compartilhada por toda a sociedade.<sup>1</sup>

O contraste entre romanos e astecas mostra as diferenças entre arte sagrada e arte oficial. A arte do império inspira ao sagrado. Mas, se é natural a passagem do sagrado ao profano, do mítico ao político — conforme, se vê na Grécia antiga ou no final da Idade Média —, não é natural o salto inverso. Na realidade, não estamos diante de um Estado religioso, mas diante de uma religião de Estado, Augusto ou Nero, Marco Aurélio ou Ca-

<sup>1</sup> Essa não é a ocasião para examinar mais detidamente a natureza da sociedade asteca e desentranhar a verdadeira significação da sua arte. Basta anotar que o dualismo da religião (cultos agrários das antigas populações do Vale e deuses guerreiros propriamente astecas) corresponde também uma organização dualista da sociedade. Sabemos também que quase sempre os astecas empregavam vassalos estrangeiros como artífices e construtores. Tudo isso nos faz suspeitar que nos encontramos diante de uma arte e uma religião que recorrem, por meio da acumulação e da superposição de elementos próprios e alheios, uma cisão interior. Nada semelhante nos oferecem a arte maia da grande época, a "olmeca" ou a de Teotihuacán, onde a unidade das formas é livre e espontânea, não conceitual e externa, como na Coatiacue. A linha viva e natural dos relevos de Palenque — ou a severa geometria de Teotihuacán — nos fazem vislumbrar uma consciência religiosa não diacrônica, uma visão do mundo que cresceu naturalmente e não por acumulação, superposição e acomodação de elementos dispersos. Ou seja: a arte asteca tende a um sincerismo, não totalmente realizado, de concepções opostas do mundo, ao passo que a das culturas mais antigas não é senão o desenvolvimento natural de uma visão única e própria. Esse é outro dos traços bárbaros da sociedade asteca, diante das antigas civilizações meso-americanas. Iígula, "delícias do gênero humano" ou "monstros coroados", são seres temidos ou amados, mas não são deuses. Tampouco são divinas as imagens com que pretendem se eternizar. A arte imperial é uma arte oficial.

que Virgílio tenha posto os olhos em Homero e na antiguidade grega, ele sabe que a unidade original estraçalhou para sempre. Ao universo de federações, alianças e rivalidades da *pólis* clássica, segue-se o deserto urbano da metrópole; à religião comunal, a religião de Estado; à antiga piedade que comunga nos altares públicos, como na época de Sófocles, a atitude interior dos filósofos; o rito público se torna função oficial e a verdadeira atitude religiosa se expressa como contemplação solitária; as seitas filosóficas e místicas se multiplicam. O esplendor da época de Augusto — e posteriormente o esplendor dos Antoninos — não nos deve fazer esquecer que se trata de breves períodos de respiração e trégua. Todavia, nem a benevolência ilustrada de alguns homens, nem a vontade de outros — quer se chamem Augusto ou Trajano — podem ressuscitar os mortos. A arte oficial romana em seus melhores e mais altos momentos é uma arte de corte, dirigida a uma minoria seleta. A atitude dos poetas desse tempo pode ser exemplificada com estes versos de Horácio:

*Odi profanum vulgus et arceo.  
Favete linguis: carmina non prius  
audita Musarum sacerdos  
Virginibus puerisque canto...*

Quanto à literatura espanhola dos séculos XVI e XVII e sua relação com a monarquia dos austriacos; quase todas as formas artísticas desse período nascem nesse momento em que a Espanha abre as portas para a cultura renascentista, sofre a influência de Erasmo e participa das tendências que preparam a época moderna (*La Celestina*, Nebríja, Garcilaso, Vives, os irmãos Valdés, etc). Inclusive os artistas que pertencem ao que Valbuena Prat chama de "reação mística" e "período nacional", cuja nota comum é a oposição ao europeísmo e "modernismo" da época do imperador, não fazem mais que desenvolver as tendências e formas que foram apropriadas pela Espanha alguns anos antes. San Juan imita Garcilaso (possivelmente através de "Garcilaso a lo divino" de Sebastián de Córdoba); Fray Luis de León cultiva exclusivamente as formas poéticas renascentistas e em seu pensamento alia-se Platão e o cristianismo; Cervantes — figura entre duas épocas e exemplo de escritor leigo numa sociedade de frades e teólogos — "recolhe os fermentos erasníticas do século XVI", além de sofrer a influência direta da cultura e da vida livre da Itália. O Estado e a Igreja canalizam, limitam, podam e se servem dessas tendências, mas não as criam. E se voltarmos os olhos para a criação mais puramente nacional da Espanha — o teatro —, o que admiramos é precisamente sua liberdade e desenvoltura dentro das convenções da época. Em suma, a monarquia austriaca não criou a arte espanhola; pelo contrário, separou a Espanha da modernidade nascente.

Tampouco o exemplo francês traz provas convincentes sobre a pretendida relação de causa e efeito entre a centralização do poder político e a grandeza artística. Como no caso da Espanha, o "classicismo" da época de Luís XIV foi preparado pela extraordinária inquietação filosófica, política e vital do século XVI. A liberdade intelectual de Rabelais e Montaigne, o individualismo das mais altas figuras da lírica — de Marot e Scève

<sup>1</sup> Angel Valbuena Prat, *Historia de la literatura española*, 1946.

até Jean Sponde, Desportes e Chassignet, passando por Ronsard e d'Aubigné —, o erotismo de Louise Labé e dos "Blassonneurs du corps féminin" são testemunhos de espontaneidade, desenvoltura e criação livre. O mesmo deve-se dizer das outras artes e da vida desse século individualista e anárquico. Nada mais distante de um estilo oficial, imposto por um Estado, que a arte dos Valdés, que é invenção, sensualidade, capricho, movimento, curiosidade lúcida e apaixonada. Essa corrente penetra no século XVII. Todavia, tudo muda tão logo se consolida a monarquia. A partir da fundação da Academia, os poetas não enfrentam somente a vigilância da Igreja, mas também a de um Estado tornado gramático. O processo de esterilização culmina, anos após, com a revogação do Edito de Nantes e o triunfo da facção jesuíta. Só a par-

te dessa perspectiva adquirem verdadeira significação a querela do Clé e as dificuldades de Corneille, os dissabores e amarguras de Molière, a solidão de La Fontaine e, por fim, o silêncio de Racine — um silêncio que merece algo mais que uma simples explicação psicológica e que me parece constituir um símbolo da situação espiritual da França no "grande século". Esses exemplos mostram que as artes devem antes temer que agradecer uma proteção que acaba por supriá-las sob o pretexto de guilas. O "classicismo" do Rei Sol esterilizou a França. E não é exagero sustentar que o Romantismo, o Realismo e o Simbolismo do século XIX são uma profunda negação do espírito do "grande século" e uma tentativa de reatar a livre tradição do século XVI.

A Grécia antiga revela que a arte comunal é espontânea e livre. É impossível comparar a *pólis* ateniense com o Estado cesáreo, o Papado, a Monarquia absoluta ou os modernos Estados totalitários. A autoridade suprema de Atenas é a Assembleia dos cidadãos, não um remoto grupo de burocratas apoiados no exército e na polícia. A violência com que a tragédia e a comédia antiga tratam os assuntos da *pólis* contribui para explicar a atitude de Platão, que desejava "a intervenção do Estado na liberdade da criação poética". Basta ler os trágicos — especialmente Eurípedes — ou Aristóteles para constatar a incomparável liberdade e desembaraço desses artistas. Essa liberdade de expressão fundava-se na liberdade política. E também pode se dizer que a raiz da concepção do mundo dos gregos era a soberania e liberdade da *pólis*. "Talvez no mesmo ano em que Aristófanes apresenta suas *Nuvens* — disse Burckhardt em sua *História da cultura grega* — surge o ensaio político mais velho do mundo: *Sobre o Estado dos atenienses*." Reflexão política e criação artística vivem no mesmo clima. Os pintores e escultores gozaram de semelhante liberdade dentro das limitações de seus trabalhos e das condições em que eram empregados. Os políticos da época, opostamente ao que se passa em nossos dias, tiveram o bom senso de se abstêm de legislar sobre os estilos artísticos.

A arte grega participou dos debates da cidade porque a constituição da *pólis* exigia a livre opinião dos cidadãos sobre os assuntos públicos. Uma arte "política" só pode nascer onde é possível expressar opiniões políticas, isto é, onde reina a liberdade de falar e pensar. Sob esse aspecto, a arte ateniense foi "política", mas não sob a acepção contemporânea da palavra. Leiamos *Os persas* para sabermos o que é tratar o adversário com olhos isentos das deformações da propaganda. E a ferocidade de Aristófanes foi sempre contra seus concidadãos; os extremos que usa para ridicularizar seus inimigos fazem parte do caráter da comédia antiga. Essa beligerância política da arte nascia da liberdade. A ninguém ocorreu perseguir Safo porque cantava o amor ao invés das lutas da cidade. Fomos obrigados a esperar o fanático e mesquinho século XX para conhecermos semelhante vergonha.

A arte gótica não foi obra de papas ou imperadores, mas das cidades e das ordens religiosas. A mesma coisa se pode dizer da instituição intelectual típica da Idade Média: a universidade. Igualmente, a catedral é criação das comunas urbanas. Foi dito muitas vezes que esses templos exprimem em sua verticalidade a aspiração cristã para mais além. É preciso acrescentar que, se a direção do edifício alongado e como que lançado para o céu encarna o sentido da sociedade medieval, sua estrutura revela a composição dessa mesma sociedade. Com efeito, tudo está lançado para cima, para o céu; ao mesmo tempo, porém, cada parte do edifício tem vida própria, individualidade e caráter, senão que essa pluralidade rompa a unidade do conjunto. A disposição da catedral parece a materialização viva daquela sociedade em que, diante do poder monárquico e feudal, as comunas e as corporações formam um complicado sistema solar de federações, ligas, pactos e contratos. A livre espontaneidade das comunas, e não a autoridade de papas e imperadores, outorga à arte gótica seu duplo movimento: lançando, de um lado, para cima como uma flecha, e, de outro, estendido horizontalmente, abrigando e cobrindo sem oprimir todas as espécies, gêneros e indivíduos da cri-

realidade, a grande arte do Papado corresponde ao período barroco e seu representante típico é Bernini. As relações entre o Estado e a criação artística dependem, em cada caso, da natureza da sociedade a que ambos pertencem. Todavia, em termos gerais — até onde é possível extrair conclusões em esfera tão ampla e contraditória —, o exame histórico corrobora que não só o Estado jamais foi criador de uma arte realmente de valor, mas também que, quando tenta converter-a em instrumento para seus fins, termina desnaturando-a e degradando-a. Assim, a "arte para poucos" quase sempre é a livre resposta de um grupo de artistas que, aberta ou sorrateiramente, se opõe a uma arte oficial ou à decomposição da linguagem social. Cóngora na Espanha, Séneca e Lucano em Roma, Mallarmé diante dos sítios do Segundo Império e da Terceira República, são exemplos de artistas que, ao afirmarem sua solidão e se recusarem ao auditório de sua época, logram uma comunicação que é a mais elevada que um criador pode desejar: a da posteridade. Graças a eles à linguagem,

ao invés de se dispersar em jargão ou se petrificar em fórmula, concentra-se e adquire consciência de si, mesma e de seus poderes de libertação.

Seu hermetismo — nunca inteiramente impenetrável, mas sempre aberto a quem queira se arriscar por detrás da muralha ondulante é erigida das palavras — é semelhante ao hermetismo da semente. Lá dentro dorme a vida futura. Séculos depois de mortos, a obscuridade desses poetas volta a ser luz. E sua influência é de tal modo profunda que podem ser chamados, mais que de poetas de poemas, de poetas ou criadores de poetas. Em suas armas figuram sempre a fênix, a romã e a espiga de Eléusis.

Paz, Octávio - O Arco e a Lira  
tradução Olga Savary - Coleção Logos  
Nova Fronteira - 05/82

# infância no interior

SIDNEY JOSE CAZETO

Zeca correu para junto do fim do muro, que dava para o portão. O coração parecia querer pular para fora.

Zeca correu para junto do fim do muro, que dava para o portão. O coração parecia querer pular para fora. Era preciso ir em frente. Tudo em ordem, sinalizou para o Magrelo, que estava mais atrás, escondido em uma árvore próxima. Veio o Magrelo e depois dele o Pião e o Mineiro. O Pião era café-com-leite, queria estar em todas, mas sempre acabava dando algum fora. Zeca arriscou um olhar através do portão: tudo apagado e quieto. Perfeito. Pediu simplesmente

silêncio para turma e também uma escadinha. Agora começava o mais difícil — era preciso cuidado. Foi o primeiro a pular. Quando estava em cima do portão, deu uma balançada que fez um barulho não previsto. O medo que ninguém admitia que se fez com que a molecada desbandasse em pânico deixando na maior das misérias o Zeca, do lado de dentro. O Magrelo e o Mineiro tinham que jogar o Pião para dentro, que na última hora estava quase paralizado.

— Eu falei para você não trazer esse bosta! Sussurrou Sussurrou Magrelo.

— O ciclete me grudou no caminho, pô. Se não deixo, o garoto vai correndo botar a boca no trombone.

Não consolado, Magrelo ajudou o Mineiro e depois pulou sozinho. Um macaco. Subia até em pé de macaúba, apanhava um monte e barganhava com figurinhas, bolinhas de gude, revistas interessantes. Todos já estavam dentro. Qualquer ruído parecia uma explosão. Pé ante pé, todos chegaram até o corredor do colégio que dava para o pátio. Silêncio, sombras, ninguém. Zeca na frente mantinha os olhos de gato. Foi quando sentiu uma pontada: lembrou do padre falando no catecismo, do pecado, da voz lá de dentro que avisa quando a gente tá fazendo alguma coisa errada. O fogo do inferno. Meu Deus, quanto deve doer. Besteira... Drogas, como é que eu vou lembrar disso numa hora dessas, pensou

Zeca, tendo parado um momento. Mineiro aproximou-se para saber se tinha visto alguém enquanto Pião dava um marcha-à-re estratégico para ficar mais perto do portão caso podesse correr.

— Só umas folhas mexendo no vento, explicou como pôde o Zeca, não podendo confessar o que lhe ia no pensamento.

Magrelo puxou Pião e foram os quatro, em direção à porta externa da sacristia. Chegando, foi fácil: o velho urubu (como chamavam o velho padre, conservador, que não tirava uma batina preta), havia esquecido de passar a tranca de cima da porta. A fechadura cedeu a um pequeno empurrão de Zeca. Todos olharam-se num sorriso meio feliz, meio satânico. Era como se vestissem chifres e rabos, mas por acidente.

Entrar já exigia uma coragem adicional: e se alguém aparecesse? Pião segurava para não mijar no calção sujo de terra na triazeira. Mineiro vibrou com a ideia de contar para o bonzão do Tatá a aventura — ele iria morrer de inveja. Magrelo estava concentrado na tarefa. Parecia impassível, frieza só desmentida por pequeno suor acima dos lábios.

Zeca dividiu:

— Mineiro, você vai até a porta de dentro vigiar. Pião, você fica aqui. Magrelo, você vai comigo.

Magrelo sentiu-se honrado com a escolha. Mineiro acatou. Pião deu pra trás:

— Eu vou também.

— Você fica!

— Porque eu?

— Você vai ficar, seu porra, senão eu te enfiô o dedo no rabo.

Poi convincente. Os dois correram até o armário no fundo da sala. A chave estava pendurada ao lado do pedestal de uma imagem de Jesus Cristo. Na hora de pegá-la, um instante de hesitação ao cruzar com o olhar frio e penetrante daquele gesso.

— Qui foi, Zeca?

— Nada, pô.

Zeca pegou a chave e abriu o armário.

O tesouro estava ali. Era só pegá-lo.



# em busca de um jornal



P/ o CRUSP

MARCOS ALONSO

NUNES

O objetivo deste artigo é fazer uma crítica ao "Reflexo dos Gatos...", sexto número do Jornal do CRUSP (JC), que até certo ponto vale para os cinco primeiros números. Uma crítica que tenta caracterizar o distanciamento que existe atualmente entre o JC e o movimento de moradia, assim como explicar as causas deste distanciamento. Uma crítica que fala do jornal que não temos e do jornal que precisamos e podemos ter!

Começando pelo editorial, vemos que o número seis saiu em novembro de 82, um ano e sete meses após o surgimento do número cinco ("Tributo ao Grito"). Depois de tanto tempo de gestação, era de se esperar um número seis incrementado, que entre outras coisas fosse capaz de propagandear a causa da moradia, que agitasse as questões que vêm pela frente, que registrasse os momentos históricos que ficaram para trás (pelo menos desse último ano!). Enfim, que fosse capaz de "fazer a cabeça" dos moradores.

Tal fato esteve longe de acontecer. Entre os vinte e poucos textos publicados, encontramos apenas um artigo, referente à organização interna da casa ("Organizar o CRUSP" - Lucio - 210-A), levantando algumas questões candentes da moradia. Na verdade esse artigo foi uma condensação de um texto que o Lucio afixou em mural no final de setembro, com o objetivo de servir de subsídio para uma assembleia, que ele mesmo convocou para um mês depois.

De resto, nada se fala sobre a conquista dos blocos B e C, importantes por si só, mas que também alterou consideravelmente o status quo que o Crusp tinha anteriormente em relação a toda a universidade. Nada se fala sobre o por que estão as negociações com a burocracia universitária (o fato de alguns poucos e privilegiados moradores estarem por dentro das coisas não justifica que o resto fique por fora!); as informações e as decisões devem aparecer no jornal, independentemente de aparecerem ou não em murais, impressos, etc.

Nada se fala do fim que levou (ou melhor: que fim deram...) a discussão sobre o estatuto do CRUSP. Não se sabe se a comissão responsável pela preparação dos estatutos vaporou espontaneamente ou foi dissolvida por interesse de terceiros.

Pouco se fala sobre organização de CRUSP, quando essa é a questão central do movimento. Cabe aqui fazer uma citação: "O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo" (Lenin - "Que fazer?" - cap. 5).

E precisamente esse o ponto: o jornal do CRUSP pode e deve ser um organizador coletivo. Essa é a função principal do jornal. Se alguém me perguntasse: "Os editores (Roberto(509-A), Julio(305-F), Alexandre(103-B), Ines(408-F)) do "Reflexo dos Gatos..." têm consciência dessa função do JC, ou, por outro lado, têm interesse que o JC não desempenhe essa função? (Sim, porque em última instância os editores são responsáveis pela

linha, ou falta de linha, do jornal). Eu responderia: - Talvez você ache as respostas no editorial do "Reflexo dos Gatos...". Destacamos abaixo um trecho do editorial: "Desde o começo o Jornal do CRUSP foi aberto a todo tipo de ideias, variando do lúcido, ao engajado, do eu, o nós, o tu. O verso do poeta, a análise política, a reportagem, um fragmento de um discurso, tudo é motivo pra se fazer um jornal." Ler estes jornais é conhecer um pedaço, o dizível da história do CRUSP. Uma história que oficialmente se desconhece, mas que nem por isso deixa de existir e repercutir."

Se pegamos um exemplar do JC, damos uma folheada constatando os "nada se fala" e compararmos com a frase: "Desde o começo o Jornal do CRUSP foi aberto a todo tipo de ideias, ...", nos vem a pergunta: - Será que são só essas todas as ideias? O editor do JC responderia: " - Essas foram as ideias que pintaram. Isso foi o que o pessoal teve saco de fazer. Isso é o que o pessoal está a fins de fazer (por curiosidade, façam essa pergunta aos editores e digam se não acertei!)". Comparemos a resposta com outra frase destacada acima: "tudo é motivo pra se fazer um jornal." De fato há uma discrepância entre as boas intenções declaradas no editorial e a realidade do JC. Por um lado tudo é motivo pra se fazer um jornal e, por outro, o pessoal está sem saco. Essa discrepancia se existe porque analisamos o problema do ponto de vista da espontaneidade, ou seja, os moradores têm necessidades e problemas a resolver mas não se organizam, não editam um organizador coletivo, pois dependem da ação (e eventualmente de erros) individual e espontânea de alguns moradores. Quando declaram que "Desde o começo o Jornal do CRUSP foi aberto a todo tipo de ideias, ...", mais parece uma tentativa dos editores de abrirem mão da responsabilidade pelo conteúdo do jornal do que uma garantia de espaço aberto e democrático para as ideias.

Por fim: "Ler estes jornais é conhecer um pedaço, o dizível da história do CRUSP". De fato, pode-se achar muito mais e melhor na "Folha" e no "Estadão" (refiro-me às minguadas matérias desses jornais que noticiaram as invasões de março e setembro, as negociações com o Reitor, etc). "Uma história que se desconhece, mas que nem por isso deixa de existir e repercutir." Uma afirmação verdadeira, sem dúvida, mas essa repercução bem que poderia ser maior, não é mesmo? E a sua existência poderia ser bem mais integrada ao nosso dia a dia, estou certo? Que tal se o jornal do CRUSP fizesse alguma coisa nesse sentido?

Não é, em absoluto, minha intenção jogar toda a responsabilidade pela situação do jornal sobre os editores. Temos que ter em mente, por um lado, o contexto em que o jornal (Ou melhor: a comissão do jornal) está inserido, ou seja: a realidade objetiva do CRUSP. Uma realidade que convive cotidi-

nois agradece a leon pfeffer que desenhou o papel; as Hora e as Onde pelo carre 200  
Gfar pelo CGC



de pier paulo patolini  
Em avant-premier no Cineclub Crusp



FST Paulo, 17/2/83  
Crusp terá logo  
mais 300 vagas

A Coordenadoria de Saúde e Assistência Social (Coseas) da Universidade de São Paulo informou ontem que os blocos B e C do Conjunto Residencial da USP (Crusp), ocupados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, voltarão de estudantes, o que representará 300 novas vagas residenciais.

A medida foi divulgada pelo professor Denis de Oliveira Alves, coordenador da Coseas, que explicou que "com a concordância dos chefes de departamentos da Faculdade de Letras que ocupavam os blocos, os mesmos foram desativados. Esses departamentos foram remanejados para outras instalações".

Os estudantes interessados em morar devem procurar a Divisão de Promoção Social da Coseas para se inscreverem. Há 300 vagas, e a única exigência é de que sejam, efetivamente, alunos da USP e necessitem de moradia. Atualmente, 200 alunos moram na USP.

SEMINÁRIOS

• A droga na vida e obra  
de alguns escritores

• MILITÂNCIA

••• Comunidades Alternativas

••• Ensino Tecnologia e Cultura

Studin lá na vivencia do B. tica de oito ta'!]



Inscrições para Moradia:  
nas portarias dos blocos B e C  
até o dia 11.03.  
(CRUSP ride again)

\* lugar...  
porque aqui é meu!

de marciando aqui quem fala  
não é eu voltei, agora pra falar é o Crusp!  
(nesta página)

participações especiais: Garfield e Jon; Snoopy. Charlie, Dennis; Mr. Parker

ARTES: FULVIA  
(PRODUÇÕES  
ILIMITADAS)



ente com o surgimento e o aparecimento pontâneo de comissões de trabalho. Comissões cujos membros estão sempre isentos de qualquer responsabilidade maior e que podem fazer (espontaneamente) o que quiserem, inclusive desertar. Ora o trabalho saiu porque apareceram pessoas que se dispuseram (espontaneamente) a fazer alguma coisa, ora não saiu porque o pessoal estava sem saco e "os que sempre fazem as coisas" estão sobre carregados. O que se verifica portanto é um trabalho artesanal e espontâneo, muito longe de um trabalho político e consciente; este último sim pode imprimir um forte ritmo ao movimento de moradia. O caráter artesanal e espontâneo também é dominante no espírito da comissão de jornal. Essa é a essência da minha crítica, não duvidando em momento algum que houve muito trabalho na preparação do jornal e que as intenções eram as melhores. Só que muito trabalho e boas intenções não são as condições suficientes para termos o jornal que precisamos.

Por outro lado, para desenvolvemos um trabalho político e consciente, para transformar a realidade objetiva do CRUSP, é in-

dispensável não só um propagandista coletivo e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Este é o Jornal do CRUSP que buscamos!

E uma proposta para reestruturar o JC nos termos acima, na prática será uma forma de combater o trabalho artesanal e es-

pontâneo em prol de um trabalho político e consciente.

A nossa proposta de reestruturação do JC passa não só pela análise feita anteriormente, mas também pelas seguintes reflexões:

a) O Jornal do CRUSP deve propagandear a causa da moradia a nível de toda a USP, incluindo as outras casas ligadas à USP;

b) É necessário fazer com que o morador tenha a real dimensão do problema, que tenha em mente a atuação de forma organizada e que saiba desenvolver um trabalho consciente; coisas que só podem ser feitas com um jornal bem estruturado;

c) Os moradores devem contribuir para um jornal que querem ler, que é do seu interesse e não para um jornal que fizeram em nome do CRUSP e que por isso devem assumir as despesas;

d) A comissão do jornal deve sair da postura defensiva (esperando que as matérias vêm espontaneamente, para depois compor o jornal) para uma postura ofensiva (indo atrás das matérias, sabendo quais são as matérias fundamentais e que portanto não podem deixar de ser publicadas, etc.), passando a fazer um jornal planejado, estruturado, enfim político;

e) Lutar e trabalhar pela organização do CRUSP é também lutar e trabalhar por um organizador coletivo: o Jornal do CRUSP.

## Transportação

EDUARDO SANTOS MALAFALA

Naquela tarde, quando o sol se caia junto ao ocaso, o que não se dá por acaso, Pedrinho, à saia de sua mãe, não entendia as forças da natural tecnologia de sua época. Pouca idade lhe era atribuída pelo tempo e na sua vontade de urinar queria parar o trem, o ônibus, até o avião, se um dia lá estiver, (é provável que nunca esteja) para satisfazer sua necessidade.

O que Pedro não entendia não é o fato de que para crescer e viver (ou sobreviver) entre os racionais é preciso racionalizar os instintos: suprimir (ou reprimir) as necessidades fisiológicas inatas ao seu corpo animal; não sabia em sua pouca vida que ele deveria aguentar enquanto fosse necessário (ou possível) aquele incômodo. E como aquele, muitos outros, visto que os outros racionais os aguentassem e isto Pedro não via não por ter pouca idade, mas por ser em si um animal.

O veículo se deslocava tarde afora, em rumo ao sol, passando à beira de montanhas, plantações, rios, pelos campos, planícies adentro, ou afora; era uma viagem em que levaram Pedro, que sabia e viajava, sem noção de porque parte de sua família vivia aqui e outra parte dela no Mato-Grosso; talvez por um impulso, ainda primitivo, Pedro preferisse os clãs.

Os olhos pequenos e morenos corriam apressados vista afora, até onde alcançavam e viam entre tudo uma beleza que jamais veria novamente; Pedro desconhecia este fato, por não saber que haveriam de educá-lo, em casa, (ou até quem sabe numa escola) ensinar boas maneiras de acordo com sua família, ainda, nos dias de hoje, (semi-)patriarcal e por patriarca possuindo um pedreiro, pai de Pedro... filho; e que a formação do indivíduo contribui para aumentar ou diminuir (o que acontece sempre) o senso crítico deste ou daquele ser, seu poder de atentar detalhes num piscar de olhos, numa distância infinita. E Pedro seguia maravilhado com a natureza que, onde mora Pedro, não se vê.

Todo um futuro pela frente; o espelho de Pedro já foi visto e seu reflexo já contado na biografia de seu avô, feita por alguém que não conheceu aquele avô, mas imaginou ser ele filho de um pedreiro; todo potencial do ser infantil que ora viaja incomodado, se acha esperdiçado em um reflexo do meu olhar, em um espelho escrito, no delinear de uma nova vida, mas que tem uma sina antiga.

É, talvez Pedro ainda seja muito novo para entender as barreiras físicas e psicológicas da vida e do mundo, mas infelizmente (ou felizmente) um dia as conhecerá; a viagem continua, Pedro urinou-se.